

A MOBILIZAÇÃO DAS OPERAÇÕES MENTAIS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS ESTUDANTES A PARTIR DE NOMES PRÓPRIOS NAS NARRATIVAS HISTÓRICAS GRÁFICAS

Marcelo Fronza¹

RESUMO

Neste artigo investigou-se como jovens estudantes do segundo ano do ensino médio de quatro cidades brasileiras mobilizaram as operações mentais da consciência histórica por meio de nomes próprios presentes em narrativas históricas gráficas. A finalidade foi entender como os conceitos substantivos relacionam-se com as categorias mobilizadas por estes jovens estudantes para expressar os conceitos de intersubjetividade e verdade ligados a sua identidade histórica. Para isso, os nomes próprios foram interpretados como semióforos, pois são portadores de sentido para a construção de narrativas históricas. Com isso, pretendeu-se analisar as respostas dos estudantes a uma questão referente ao reconhecimento da existência de situações históricas por meio de duas histórias em quadrinhos com interpretações diversas sobre uma mesma experiência do passado. Esses resultados dialogam com as considerações teóricas ligadas à teoria da consciência histórica e foram organizados por meio de categorias ligadas às três operações mentais da consciência histórica: a experiência, a interpretação e a orientação. Como resultado verificou-se, que operações mentais ligadas à identidade histórica desses jovens dão sentido aos nomes próprios e aos conceitos substantivos por eles mobilizados.

Palavras-chave: Nomes Próprios. Narrativas Históricas Gráficas. Consciência Histórica.

INTRODUÇÃO

Pretendo compreender quais são as operações mentais da consciência histórica que os jovens estudantes de quatro escolas

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Educação Histórica: Didática da História, consciência histórica e narrativas visuais/UFMT e do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica/PPGE/UFPR. Professor Adjunto I do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso, Campus Cuiabá, e-mail: fronzam34@yahoo.com.br.

públicas de ensino médio brasileiras mobilizam quando leem histórias em quadrinhos que confrontam duas interpretações diversas sobre uma mesma experiência do passado: a Independência do Brasil. O meu objetivo foi compreender quais as categorias mobilizadas pelos jovens estudantes do ensino médio para expressar os conceitos de intersubjetividade e verdade ligados a sua identidade histórica.

Nesse sentido, compreendo que conceitos históricos ligados aos nomes próprios (RÜSEN, 2007, p. 93), dão sentido às ideias substantivas apresentadas aos estudantes quando leram duas versões históricas em quadrinhos. Sob esse aspecto, o historiador inglês Peter Lee (2006) estabelece alguns princípios da cognição histórica, ou seja, os conceitos substantivos referem-se aos conteúdos específicos da História, tais como Egito Antigo, Império Romano, Renascimento, Revolução Industrial, etc.; e os conceitos de segunda ordem, os quais estão ligados às ideias históricas estruturais do pensamento histórico, qualquer que seja o conteúdo, tais como as categorias temporais — permanências, rupturas, periodizações, etc. — e também aquelas relacionadas às formas de compreensão histórica, como os conceitos de explicação histórica, evidência, inferência, empatia, significância, imaginação, objetividade, verdade e narrativa históricas. Entendo que o potencial protonarrativo dos nomes próprios e das imagens, ligados às situações históricas que os estudantes reconheceram nas narrativas gráficas, fornecem possibilidades de interpretação sobre o modo como eles mobilizam as operações mentais da consciência histórica: a experiência, a interpretação e a orientação.

Os nomes próprios são conceitos substantivos que constituem elementos para a construção de ideias histórias que fornecem um fio narrativo para a construção de interpretações históricas. Os nomes próprios — tais como Júlio César, D. Pedro I, América portuguesa, Copa do mundo, Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão de 1789, Governo Geisel — são conceitos geralmente baseados nas fontes históricas de uma determinada época, mas podem, também, receber seus nomes posteriormente pelos historiadores. Essas ideias referem-se aos estados de coisas e sujeitos do passado em sua ocorrência singular em um contexto histórico (RÜSEN, 2007, p. 93; SOBANSKI et al., 2010, p. 24).

Segundo Jörn Rüsen (2009, p. 9-10), imagens e símbolos, dentre os quais podem ser aproximados, por analogia, os nomes próprios, interferem na atividade rememorativa da consciência histórica, mas não são histórias. No entanto, geram as mesmas. Como "portadoras de

sentido” ou “semióforas”, as imagens fascinam a consciência histórica. Elas têm uma função importante na produção de interpretações históricas da experiência do tempo e um papel relevante na construção de modelos interpretativos: podem ser “princípios transmissores de significados e geradores de sentido na interpretação temporal”.

A função narrativa das imagens e dos nomes próprios se objetiva quanto se tornam marcos para a formação de uma interpretação histórica. Com isso, pode-se dizer que as imagens ocupam o lugar de uma história. Em outras palavras, são uma “abreviação narrativa” que fornece sentidos e significados para algum tipo de narração histórica ou elementos para a construção de uma história (RÜSEN, 2009, p.10).

A narrativa histórica é a expressão da consciência histórica mobilizada por três operações mentais. A operação da experiência histórica se objetiva nas relações entre o passado e presente inferidos a partir de evidências pautadas em fontes e testemunhos históricos. A operação mental da interpretação histórica diz respeito aos quadros de interpretação teóricos que dão significado às experiências históricas. Já a operação da orientação histórica fornece o sentido orientação no tempo entre passado, presente e futuro organizado por uma ideia histórica que estrutura as interpretações e as experiências históricas tendo em vista a construção, pelo sujeito, de uma identidade pautada no autoconhecimento a partir do outro (RÜSEN, 2001).

AS NARRATIVAS HISTÓRICAS GRÁFICAS NA RELAÇÃO ENTRE A CULTURA JOVEM E AS OPERAÇÕES MENTAIS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

O público alvo dessa pesquisa são 125 estudantes, com idades de 14 a 27 anos, do segundo ano do ensino médio de quatro escolas públicas brasileiras: em São João dos Patos, Maranhão (43 estudantes); Três Lagoas, Mato Grosso do Sul (26 estudantes); Vitória da Conquista, Bahia (33 estudantes); e Curitiba, Paraná (23 estudantes). Os jovens desses colégios foram investigados em maio e outubro de 2011, respectivamente. Para isso, produzi um instrumento de investigação (FRONZA, 2012, p. 450-454) baseado nos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa.

Esse instrumento de investigação contém o confronto de fragmentos de duas histórias em quadrinhos que têm a pretensão de abordar didaticamente, a partir de critérios historiográficos, a temática

da Independência do Brasil ocorrida em 7 de setembro de 1822. A primeira, versão A, denominada *A Independência do Brasil*, foi produzida totalmente por quadrinistas (DINIZ e EDER, 2008, p. 41-45).

Versão A



DINIZ, André; EDER, Antonio. *A Independência do Brasil*. São Paulo: Escala Editorial, 2008, p. 44.

A segunda história em quadrinhos, a versão B, chamada *Da Colônia ao império: um Brasil pra inglês ver...*, foi roteirizada pela historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarcz (PAIVA e SCHWARCZ, 1995, p. 5-9).

Versão B



PAIVA, Miguel; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Da Colônia ao Império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 8.

Seguindo os critérios de Peter Lee (LEE e ASHBY, 2000; LEE, 2006), essas histórias em quadrinhos que procuram evitar anacronismos em relação aos sujeitos e às situações do passado representadas.

A partir disso, apresento uma pergunta investigativa que foi inspirada nas questões feitas no estudo exploratório de minha dissertação de mestrado (FRONZA, 2007) e no livro didático inglês *Skill in History* (SHUTER & CHILD, 1990) e tem como objetivo diagnosticar os conteúdos substantivos e os nomes próprios que os jovens entendem como verdadeiros. A questão a ser abordada é: “A partir das versões A e B, quais os situações do passado você acha que realmente existiram? Por quê?”. As respostas dos jovens estudantes das quatro escolas brasileiras a esta questão foram organizadas por meio das tabelas 1 e 2 (páginas seguintes).

Foi possível indicar três categorias organizadoras das respostas dos jovens: situações sobre a Independência do Brasil, com oitenta e duas indicações, situações com D. Pedro, com cinquenta citações, e outras situações do passado, com 73 indicações.

Essas indicações apontam para a crença que os jovens têm em relação a essas situações e que sua plausibilidade é demarcada pelo tempo (7 de setembro), espaço (as margens do Ipiranga) e fontes (hino) que, segundo a tradição, comprovam a sua realidade. Houve também citações relacionadas à cavalgada pela Independência e à pintura de Pedro Américo relativa a esse acontecimento.

Figura 1



Pedro Américo de Figueiredo e Mello. *Independência ou Morte*, 1886-1888. Óleo sobre tela. São Paulo: Museu Paulista.

TABELA 1 - SITUAÇÕES DO PASSADO QUE ACREDITA QUE REALMENTE ACONTECERAM

Situações do passado		Curitiba PR	São João dos Patos MA	Três Lagoas MS	Vitória da Conquista BA	Nº de jovens	
Situações sobre Independência do Brasil	O grito do Ipiranga e a Declaração da Independência do Brasil	7	22	14	16	59	82
	As margens do Ipiranga	0	6	2	2	10	
	Hino da Independência	1	2	3	0	6	
	Dia 7 de setembro	0	1	0	3	4	
	A cavalgada pela Independência	2	0	0	0	2	
Pinturas sobre a Independência	1	0	0	0	1		
Situações com D. Pedro	As cartas entregues a D. Pedro I	4	7	5	8	24	50
	A revolta de D. Pedro	0	1	3	1	5	
	O cavalo branco de D. Pedro	1	3	0	0	4	
	A espada de D. Pedro	0	2	0	1	3	
	O descanso ou espera de D. Pedro	0	2	0	0	2	
	D. Pedro deveria voltar a Portugal	1	0	0	1	2	
	Livros que expressam as palavras de D. Pedro	0	1	1	0	2	
	Roupas de D. Pedro	0	0	0	2	2	
	Falas de D. Pedro	0	0	0	2	2	
	Montado num burrinho	1	0	0	0	1	
	Pintor que critica D. Pedro	0	1	0	0	1	
	Soldados de D. Pedro	0	1	0	0	1	
D. Pedro imperador do Brasil	0	0	1	0	1		
Outras situações do passado	Versão A	10	7	7	6	30	73
	Versão B	6	4	3	5	18	
	Relatam os fatos ou casos do passado	1	3	1	1	6	
	Crise e opressão do Brasil por Portugal	0	1	0	2	3	
	Proclamação da República	0	0	0	3	3	
	Todas (ou quase todos)	1	0	1	0	2	
	As guerras mundiais (fúrias e guerras)	0	1	0	1	2	
	História do Brasil	0	1	0	0	1	
	História da Humanidade	0	0	0	1	1	
	Intrigas entre França e Portugal	0	0	0	1	1	
	Muitas versões	0	1	0	0	1	
	Os brancos	0	1	0	0	1	
	Os índios	0	1	0	0	1	
	Veículos motorizados	0	1	0	0	1	
Libertação dos escravos	0	0	0	1	1		
Relatados pelos quadrinhos	0	0	1	0	1		
Não responderam		0	0	0	3	3	

A categoria ligada às situações do passado relativas a D. Pedro se relacionavam com a(s) carta(s) entregue(s) a este personagem. Os estudantes dão grande significação à carta como um importante fator explicativo que levou à decisão de D. Pedro para a declaração da Independência do Brasil. Também foram muito citados pelos alunos a revolta de D. Pedro e seu cavalo, além de sua espada. Outras indicações referentes às situações de D. Pedro podem ser relacionadas ao seu descanso à margem do rio, a exigência de sua volta para Portugal, estar montado num burrinho e sua condição de imperador do Brasil. Também foram indicadas sua roupa, sua fala e os livros que relatam sua história.

Outras situações mais genéricas sobre o passado. Alguns desses casos do passado foram explicitados, tais como a crise e opressão do Brasil por Portugal, as intrigas entre França e Portugal, e também situações de anacronismo em relação ao período da Independência, como a proclamação da República, as guerras mundiais e a libertação dos escravos. É possível que estas referências fossem mobilizadas pelos jovens a partir das referências da cultura escolar em relação à História do Brasil e da humanidade. Os jovens também citaram os brancos e os índios.

Para que sejam compreendidas essas escolhas é preciso investigar as justificativas dadas por esses jovens expressas na tabela 2 (próxima página). As respostas e justificativas podem ser sintetizadas a partir de uma estrutura pautada nas três operações da consciência histórica (experiência, interpretação e orientação) que organizam as justificativas do porquê da escolha das situações do passado descritas.

Assim foram organizadas as categorias mobilizadas pelos jovens:

EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

Cinquenta e cinco jovens mobilizaram a operação da experiência histórica.

SITUAÇÕES DO PASSADO NACIONAL

Trinta e sete estudantes, a maioria, maranhenses e baianos, apontaram as situações do passado nacional como justificativa para suas escolhas.

TABELA 2 – JUSTIFICATIVA SOBRE A ESCOLHA DAS SITUAÇÕES DO PASSADO QUE ACREDITA QUE REALMENTE ACONTECERAM

Operações Mentais	Categorias mobilizadoras	Curitiba PR	São João dos Patos MA	Três Lagoas MS	Vitória da Conquista BA	Nº de jovens	
Experiência Histórica	Situações do passado nacional	4	13	8	12	37	
	O passado como autoridade da tradição	2	3	3	4	12	
	Relação com a aprendizagem histórica	0	3	3	0	6	55
Interpretação Histórica	Relação com a verdade histórica	6	6	5	7	24	
	Relação cética com o passado	1	2	0	0	3	
	Interpretação da experiência do passado	1	1	0	0	2	29
Orientação Histórica	A memória histórica como identidade nacional	2	7	3	1	13	
	Relação estética com o passado	3	0	3	2	8	
	O passado como orientação para o presente	0	1	0	0	1	23
	Relação com a comunicação	0	0	0	1	1	
	Versão das HQs	2	2	1	3	8	
	Outros	0	1	0	0	1	
	Não responderam	2	4	0	3	9	

“Dom Pedro declarando a Independência no rio Ipiranga. Em todas as versões se fala que ele estava nas margens desse rio com os soldados” (Virgília – 17 anos – Três Lagoas).

“Sei que ele não estava montado num cavalo e, sim, num burrinho. Acho que chegou uma carta também” (Liberdade – 15 anos – Curitiba).

Dentre as situações do passado, histórica a declaração de Independência realizada por D. Pedro no rio Ipiranga, utilizada por Virgília, representa um argumento teórico para definir a plausibilidade. Ela utiliza como critério a coincidência de dados para definir a veracidade histórica de uma situação.

Essas considerações se aproximam das categorias propostas por Isabel Barca (2000, p. 161-165) que encontrou algumas dessas variedades explicativas em sua investigação. O dado a ser considerado aqui é os jovens investigados por mim mobilizaram a explicação histórica sem a solicitação explícita no enunciado da questão, pois a justificativa não implica necessariamente em uma proposta de explicação histórica por parte dos jovens, mas foi o que alguns fizeram. Novamente defendo que esse fenômeno se deve ao poder mobilizador das narrativas históricas gráficas, por serem elementos da cultura juvenil, podem ajudar o investigador a desencavar as operações mentais da consciência histórica, em princípio inconscientes, nos jovens, pois estão muito arraigados. O poder do preenchimento (*induction*) (MCCLLOUD, 2005) próprio à natureza dos quadrinhos é um dos elementos estruturadores que permitem os estudantes expressarem suas ideias ligadas à verdade e a explicação histórica.

● PASSADO COMO AUTORIDADE DA TRADIÇÃO

Doze jovens em relativo equilíbrio entre as quatro escolas públicas brasileiras indicaram como justificativa para suas escolhas a autoridade da tradição.

“7 de Setembro. Porque surgiram no Brasil os desfiles. Em crise a prepotência de Portugal” (Rosália – 18 anos – Vitória da Conquista).

“A entrega das cartas, a revolta de D. Pedro e a proclamação da Independência, pois são os fatos que os historiadores dizem que realmente aconteceram” (Beatriz – 16 anos - São João dos Patos).

O argumento utilizado por Rosália apresenta o 7 de setembro como um caso do passado: ela mobiliza como evidência os desfiles realizados nesse dia até a contemporaneidade. Seguindo o mesmo

caminho, Brenda indicou o Hino da Independência como uma evidência da plausibilidade histórica para a declaração de D. Pedro. No entanto, Rosália também apontou implicitamente como causa contextual para a Independência brasileira a prepotência de Portugal. Novamente os valores morais são referenciados como fator explicativo. Beatriz apresenta um argumento de outro matiz, isto é, o processo que foi da “entrega da carta, a revolta de D. Pedro e a proclamação da Independência” é fundamentado pelos fatos narrados pelos historiadores. Essa jovem defendeu que a plausibilidade histórica desse processo é fundamentada pelo trabalho do historiador e, portanto, em um nível básico, ela já começa a explicitar como se desenvolvem os princípios do método histórico: sempre existe um sujeito que produz a interpretação. É possível que implicitamente essa jovem esteja indicando uma relação de intersubjetividade entre ela e os historiadores por meio do reconhecimento desse outro que narra a História (RÜSEN, 2001). Ao menos para ela não existe conhecimento anônimo do passado.

RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

Devido ao teor das respostas dos estudantes incluí a relação com a aprendizagem histórica como mobilizadora da operação experiência histórica. Seis jovens de São João dos Patos e Três Lagoas justificaram assim algumas das suas respostas:

“O recebimento da carta e o grito de Independência. Desde cedo aprendemos essa história na escola” (Ludovico – 16 anos – São João dos Patos).

“As cartas, a revolta de D. Pedro e a Independência. Porque é o que a história ensina e eu acredito nela” (Tom – 15 anos – Três Lagoas).

“Quando D. Pedro disse: ‘Independência ou morte!’. Pelo fato de que em todos os livros estão expressas essas palavras ditas por D. Pedro” (Alicia – 15 anos – São João dos Patos).

Ludovico e Tom apresentam o mesmo argumento ao afirmarem que as situações do passado escolhidas por eles têm como fonte a história ensinada na escola. Tom foi mais longe

ao afirmar sua crença nesta narrativa do passado. O argumento de Alicia é de que declaração e o grito da Independência são verdadeiros porque têm como fontes os livros de Histórias que as reproduzem. Inclusive ela apontou que todos os livros contém esse caso do passado. Essa jovem tocou no ponto chave de como essa interpretação tradicional da história predominou: pela sua onipresença. Aqui são relevantes as considerações de Elias Tomé Saliba (1999) sobre as imagens canônicas, o qual afirma que o poder desses ícones e das perspectivas hegemônicas representadas por eles se sustentam pela reprodutibilidade e onipresença em todos os meios visuais com os quais os jovens se relacionam. Neste caso, o uso público da história torna-se evidente.

INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

A operação interpretativa da consciência histórica foi mobilizada por vinte e nove jovens estudantes.

RELAÇÃO CÉTICA COM O PASSADO

Dois jovens de São João dos Patos e uma de Curitiba apresentaram uma posição cética em relação às situações do passado narradas pelas histórias em quadrinhos.

“Nenhuma das duas, pois pareceram mais relatos históricos e eu não consigo levar a sério” (Latifa – 16 anos – Curitiba).

“A = Quando ele (D. Pedro) para pra descansar no Rio Ipiranga. B = Algumas falas que não têm nada a ver. Por exemplo: quando aparece um rapaz e diz em um momento que está tudo errado, que não é assim. Coisas que chamam a nossa atenção” (Rute – 16 anos – São João dos Patos).

A argumentação de Latifa revela que não consegue “levar a sério” nenhuma das versões em quadrinhos, não por elas mesmas, mas devido ao fato de serem narrativas históricas. Poder ser que esta jovem entenda que o acesso ao passado por meio da narrativa seja impossível, tal como apontam as correntes céticas da História indicadas por Walsh (1978) e Barca (2000). Já Rute foi diretamente

às versões em quadrinhos para expressar seu ceticismo em relação a elas. O critério dela é uma concepção tradicional da História negando, na versão A, o descanso de D. Pedro – heróis não descansam nunca – e, na versão B, a polêmica representação do pintor corrigindo detalhes da aparência do príncipe e figurando-o com o uniforme de gala, conforme a tradição. Rute não aceita essas imagens alternativas e nem o sentido histórico representado por elas: a possibilidade da imagem criada por Pedro Américo ser uma ficção.

No entanto, nem todos os jovens defendem uma concepção cética dos quadrinhos ou mesmo do acesso ao passado. Os resultados da redução de dados constatam que a maioria dos jovens acredita que a verdade sobre o passado é possível.

RELAÇÃO COM A VERDADE HISTÓRICA

Vinte e quatro alunos em relativo equilíbrio entre as quatro escolas brasileiras utilizaram argumentos ligados à verdade histórica. Eis algumas das respostas:

“A situação do passado que realmente acho que ocorreu foi a da versão “A”, pois além de mais completa, relata mais fatos do passado” (Marjane – 16 anos – Curitiba).

“A da versão B que o personagem está realmente vestido (de modo como) conta a História; a fala dele. Tudo correto” (Comênio – 19 anos – Vitória da Conquista).

Marjane apoiou a versão A, utiliza argumentos sustentados na plausibilidade histórica. Para a jovem paranaense, a narrativa A fornece uma explicação mais completa e com mais “fatos do passado”. C. Behan McCullagh (1998) e Raymond Martin (1993) consideram que a interpretação mais completa tende a ser a mais plausível historicamente. O jovem que considerou a versão B como a mais plausível buscou argumentos na capacidade de representação do real dessa história em quadrinhos. Comênio baseia seu argumento a partir da representação das roupas dos personagens, que para ele eram mais condizentes com a realidade ao contrário das formas de vestir representadas pela pintura de Pedro Américo, que fazem parte da visão tradicional sobre esse acontecimento. Novamente aparece aqui uma informação contrafactual em relação à tradição. Creio que é possível indicar que esse jovem

apresentou uma consciência histórica crítica, ao menos em relação a esse tema e a essa questão investigativa.

INTERPRETAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO PASSADO

Duas jovens, uma de Curitiba outra de São João dos Patos, desenvolveram interpretações sobre o passado para justificar suas escolhas. Como as duas interpretações são semelhantes escolhi uma delas.

“A concentração dos Portugueses nas beiras do rio Ipiranga e a declaração de Independência do Brasil por D. Pedro. Porque das diversas histórias que escutamos ou vimos é uma das únicas partes que não se alteram”
(Betty – 16 anos – São João dos Patos).

A argumentação de Betty se sustentou na ideia de que a localização dos portugueses (soldados de D. Pedro) e a declaração de Independência são momentos da história do Brasil que, em todas as versões, não sofrem alterações na interpretação. Essa jovem detectou o núcleo base da argumentação da historiografia tradicional sobre o tema que está no foco obsessivo nesses dois aspectos do processo de Independência que desvalorizam interpretações alternativas. Portanto essa jovem percebeu, mesmo apoiando sua visão no dogmatismo (RÜSEN, 2001) essa forma de pensar histórica.

ORIENTAÇÃO HISTÓRICA

A operação mental da orientação histórica também foi mobilizada.

A MEMÓRIA COMO IDENTIDADE NACIONAL

Treze estudantes, sete deles de São João dos Patos, mobilizaram a memória em relação à identidade nacional para justificar suas escolas.

“O momento em que ele, em cima do cavalo, gritou: Independência ou morte! Estamos separados

A mobilização das operações mentais... - Marcelo Fronza

de Portugal” (Margrette – 16 anos – São João dos Patos).

“A cavalgada pela Independência, pois existem várias pinturas sobre isso” (Irane – 16 anos – Curitiba).

“Eu acho que a versão A realmente aconteceu, pois eu me lembro de ter estudado” (Valéria – 15 anos – Três Lagoas).

O argumento unificador destas citações é a relação entre a experiência do passado referenciada e o presente. Margrette indicou o fato de “estamos separados de Portugal” como um argumento relevante para comprovar a situação do passado ligado à Independência do Brasil. No mesmo sentido caminha a argumentação de Irane ao apresentar como provas a existência de “várias pinturas” sobre a cavalgada pela Independência. Estas jovens apresentaram como critério uma explicação pautada em evidências históricas de dois níveis: a baseada em fontes históricas (pinturas e lugares de memória como o rio Ipiranga) e pela diferença temporal entre passado e presente (separação política entre Brasil e Portugal). A memória sobre o que foi o caso no passado retomado no presente é o argumento de Valéria que, inclusive, indica onde essa memória histórica foi reproduzida: “eu me lembro de ter estudado”. A cultura escolar é o lugar de memória que instrumentaliza politicamente o modo como a cultura histórica é internalizada pelos jovens. Inclusive a escolha da versão A indica que, também, a dimensão estética (RÜSEN, 2009) dos quadrinhos se subordina a instrumentalização política da cultura escolar ao revelar as operações mentais que tornam o jovem consciente, mas a partir de uma concepção tradicional da História.

RELAÇÃO ESTÉTICA COM O PASSADO

Oito jovens, dentre os quais paranaenses, sul-mato-grossenses e baianos, mobilizaram estratégias estéticas para justificarem suas escolhas.

“Os acontecimentos da versão A, pois a versão B é pobre em detalhes e acontecimentos” (Bardolfo – 15 anos – Três Lagoas).

A mobilização das operações mentais... - *Marcelo Fronza*

“A (versão) B. Só que os personagens não têm nome, são fictícios” (Lavinia – 15 anos – Três Lagoas).

Bardolfo diferenciou as situações do passado narradas pela versão A e B ao apontar que esta última não é tão rica em detalhes e mesmo na quantidade de fatos. Já Lavinia preferiu a versão B, mas crê que os personagens são fictícios por não possuírem nomes. Esses dois estudantes de Três Lagoas mobilizaram a dimensão estética dos quadrinhos para definirem a veracidade das versões, apesar do fato de Lavinia ter simpatizado com uma das versões embora considerando-a em parte ficcional.

“Da história A, pois a B parece uma historinha mais cômica. Na história A são contados os acontecimentos reais” (Ângelo – 18 anos – Curitiba).

“A versão A. Porque uma imagem mostra como ele estava. Então, acho que esta situação foi a ocorrida” (Túlio – 15 anos – Vitória da Conquista).

Ângelo apresentou a diferença entre as duas versões também pela plausibilidade da versão A, porque acredita que a versão B é cômica. Aqui a dimensão estética dos quadrinhos foi utilizada para uma desvalorização de uma das narrativas. Túlio provavelmente estava se referindo ao que para ele era a veracidade da imagem ligada ao quadro de Pedro Américo. A semelhança entre as imagens da versão em quadrinhos e a pintura conferiu plausibilidade a essa versão. Portanto, a dimensão estética da cultura histórica (RÜSEN, 2009) mobilizada pelos estudantes através dos quadrinhos foi utilizada de duas formas: uma para depreciar uma das versões devido a sua simplicidade e poder cômico e outra para valorizar a versão que está mais ligada a uma consciência histórica tradicional em relação a esse caso do passado.

● PASSADO COMO ORIENTAÇÃO PARA O PRESENTE

É do Maranhão o jovem que mobilizou a relação entre o passado e o presente para justificar sua escolha. Eis a resposta:

“A chegada dele no Ipiranga com sua tropa e montado a cavalo com uma espada na mão, pois na época não

A mobilização das operações mentais... - Marcelo Fronza

existiam veículos motorizados” (Conrado – 16 anos – São João dos Patos).

A plausibilidade da situação histórica da Independência, para Conrado, é sustentada pela diferença temporal entre aquele caso do passado e o caso no presente. O exemplo dado por ele de que D. Pedro estava com uma espada e a cavalo em contraposição ao presente onde os veículos são motorizados permite a constatação da compreensão, por esse estudante, do caráter transformativo do tempo histórico e que as narrativas históricas gráficas conseguiram representar essa mudança histórica pela coerência com o período abordado. Essa perspectiva foi detectada em vários trabalhos de Peter Lee (2006) referentes ao conceito de segunda ordem de mudança histórica. Posso afirmar, portanto, que Conrado, nesta questão apresentou uma consciência histórica ontogenética ao reconhecer a diferença estrutural entre o passado e o presente.

RELAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO

Uma estudante mobilizou a estratégia retórica da comunicação com uma justificativa para as suas escolhas.

“A ‘versão A’, pois apresenta falas mais ‘intelectuais’ e aparece D. Pedro recebendo a carta...” (Hermione – 15 anos – Vitória a Conquista)

Hermione defendeu a versão A devido ao tipo de estratégia retórica mobilizada nessa narrativa, pois, para ela, “apresenta falas mais ‘intelectuais’” que as da versão B. O critério de plausibilidade histórica da situação do passado selecionada por Hermione fundamenta-se no tipo de comunicação entre os personagens. A linguagem mais apropriada às pessoas de elite do século XIX lhe parece mais convincente que a linguagem informal apresentada na versão B.

Convém considerar neste momento que apareceram nesta questão outros estudantes que escolheram uma das versões em quadrinhos como a melhor. É importante salientar que na questão investigativa selecionada para esses trabalho não havia referência

a qual versão os jovens deveriam escolher. No entanto, alguns o fizeram. Possivelmente isso se deve ao poder mobilizador da dimensão estética destes artefatos da cultura histórica em seu diálogo com a cultura juvenil, pois sob esse aspecto ambas as versões guardam muitas diferenças. Essas diferenças estéticas afetaram as decisões dos sujeitos investigados ao escolherem e justificarem as situações históricas escolhidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é possível a construção da relação entre a verdade histórica e a intersubjetividade mobilizada pelos jovens estudantes de ensino médio a partir das histórias em quadrinhos investigada. Entendo que esta relação estrutura-se pelas três operações mentais da narrativa histórica: a experiência histórica, a interpretação histórica e a orientação histórica.

Na justificativa às indicações das situações do passado existentes, os alunos mobilizaram as três operações mentais da consciência histórica. Uma atitude de afirmação da tradição predominou entre nos jovens que focaram na operação da experiência histórica. Quanto às situações do passado reconhecidas pelos jovens predominaram às ligadas a situações do passado nacional, tais como o “Grito do Ipiranga”, o dia de 7 de setembro, o rio Ipiranga e inclusive uma referência à pintura de Pedro Américo. Também foram muito citadas as situações ligadas ao passado como autoridade da tradição. Todas elas podem ser relacionadas ao conceito de segunda ordem de evidência histórica e a categorias de sujeitos históricos. Essas categorias tenderam a mobilizar uma disposição afirmativa das narrativas tradicionais advindas, principalmente, da cultura escolar.

Quando os estudantes mobilizaram a operação da interpretação histórica apontaram para a existência perspectivas céticas em relação à veracidade das narrativas históricas em quadrinhos. No entanto, a maioria dos jovens afirmou a possibilidade da verdade e muitos apresentaram modos complexos de explicação causal sobre o passado narrado nas histórias em quadrinhos. A relação com a verdade histórica foi a mais relevante em relação à operação da interpretação histórica, inclusive afirmações contrafactuais foram explicitadas nessas justificativas. Sob este aspecto também foi

hegemonica uma justificativa pautada na afirmação tradicional da cultura histórica.

Com relação à operação mental da orientação histórica, a memória histórica como formadora da identidade nacional foi a estratégia mais mobilizada para a demarcação do tipo de intersubjetividade que os jovens têm com as experiências passadas e que são permeadas pela instrumentalização política das dimensões cognitivas e estéticas na cultura escolar. Um jovem, Conrado, de São João dos Patos, apresentou um sentido de orientação no tempo em que as experiências do passado se expressam em sua diferença com as experiências do presente. Ele usou como exemplo o uso de cavalos no século XIX como uma diferenciação em relação ao presente ligado à utilização de veículos motorizados.

Sob esse ponto de vista a intersubjetividade mobilizou implicitamente a atitude afirmativa em relação às narrativas tradicionais vinculadas à formação da identidade nacional. Aparece, então, uma subjetivação que internaliza positivamente a tradição e as normas generalizantes normalmente internalizadas a partir da cultura escolar.

MOBILIZATION OF MENTAL OPERATIONS OF THE HISTORICAL CONSCIOUSNESS OF YOUNG STUDENTS FROM NAMES IN HISTORICAL GRAPHIC NARRATIVES

ABSTRACT

This paper investigated how young students of the second year of high school in four Brazilian cities mobilized mental operations of historical consciousness through names present in historical graphic narratives. The purpose was to understand how the substantive concepts relate to the categories mobilized by these young students to express the concepts of intersubjectivity and truth connected to its historical identity. For this, the names were interpreted as semiofors because they convey meaning to the construction of historical narratives. Thus, one sought to analyze students' responses to a question concerning the recognition of historical situations through two historical comic books with different interpretations of the same experience of the past. These results dialogue with the theoretical considerations of the theory of historical consciousness and were organized through categories

linked to three mental operations of historical consciousness: experience, interpretation and orientation. As a result it was found that mental operations related to the historical identity of these young people give meaning to names and substantive concepts that they mobilized.

Keywords: Names. Historical graphic narratives. Historical consciousness.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. *O pensamento histórico dos jovens: idéias dos adolescentes acerca da provisoriidade da explicação histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2000.

DINIZ, A.; EDER, A. *A Independência do Brasil*. São Paulo: Escala Editorial, 2008, p. 41-45.

FIGUEIREDO e MELLO, Pedro Américo de (1886-1888). *Independência ou Morte*. Óleo sobre lienzo. São Paulo: Museu Paulista. Disponível em: <http://historiandonanet07.wordpress.com/2011/01/16/%E2%80%9CIndependência-ou-morte%E2%80%9D-de-pedro-americ/> [consulta: 21 fev. 2014].

FRONZA, M. *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. Curitiba, 17 mai. 2007 (Dissertação de Mestrado em Educação – UFPR).

FRONZA, M. *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. Curitiba: 2012 (Tese de Doutorado em Educação – UFPR).

LEE, P. Understanding History. In: SEIXAS, Peter (ed.). *Task se 1 to 3. Theorizing historical consciousness*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 2006.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 2005.

MCCULLAGH, C. B. *Justifying historical descriptions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

PAIVA, M.I.; SCHWARCZ, L. M. *Da colônia ao império: um Brasil para inglês ver e latifundiário nenhum botar defeito*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 5-9.

RÜSEN, J. *A razão histórica: Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, J. *História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB, 2007.

A mobilização das operações mentais... - Marcelo Fronza

RÜSEN, J. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. [Unpublished Spanish version of the German original text in K. Füssmann, H.T. Grütter and J. Rüsen, eds. (1994). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, pp. 3-26], 2009. Acesso em 27 mai. 2011, disponível em: http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf

SALIBA, Elias Tomé. As imagens canônicas e o Ensino de História. In: SCHMIDT, Maria auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. *III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SHUTER, P.; CHILD, J. *Skills in History: Book 1: Changes*. Londres: Heinemann Educational Books, 1990.

SOBANSKI, A. de Q. et al. *Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções*. Curitiba: Editora Base, 2010.

WALSH, W. H. *Introdução à filosofia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Recebido em novembro de 2013.

Aprovado em março de 2014.